

# Caosmose, desterritorialização e amorosidade na comunicação

## *Chaosmosis, deterritorialization and lovingness in communication*

**Maria Luiza Cardinale Baptista**  
malu@pazza.com.br

Doutora em Ciências da Comunicação (ECA/USP). Docente da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Pesquisadora com apoio CNPq. Pesquisadora Sênior da UFAM, com apoio Fapeam, e pesquisadora Iberoamericana, do Programa UCS-SANTANDER.

### Resumo

O texto apresenta a reflexão sobre o conceito de comunicação a partir dos processos de caosmose, desterritorialização e amorosidade. Decorre de estudos que vêm sendo realizados na Universidade de Caxias do Sul, nos cursos de Comunicação Social e no Mestrado em Turismo, com uma perspectiva transdisciplinar, envolvendo especialmente Epistemologia do Conhecimento; Teorias da Comunicação, com orientação para a Complexidade; Teorias de Subjetividade, com foco na Esquizoanálise; e a perspectiva da Biologia Amorosa e do Conhecimento, de Humberto Maturana, para a reflexão ética e social a respeito da amorosidade. A proposição é coerente com o caráter complexo e caosmótico dos fenômenos comunicacionais, considerados como 'acontecimentos' que resultam de processos de desterritorialização e de encontros de corpos afetivos.

**Palavras-chave:** comunicação, caosmose, amorosidade.

### Abstract

The paper presents a reflection on the concept of communication based on the processes of chaosmosis, deterritorialization and lovingness. It is a result of ongoing studies at the University of Caxias do Sul, Brazil, under the Social Communication Major and the Master's Degree in Tourism. To conduct an ethical and social reflection on lovingness, it takes a transdisciplinary perspective, involving mainly Knowledge Epistemology; Communication Theories focused on Complexity; Theories of Subjectivity focused on Schizoanalysis; and Humberto Maturana's Biology of Love and Knowledge. The proposition is consistent with the complex and chaosmotic character of communicational phenomena seen as 'events' that result from processes of deterritorialization and encounters between affectionated bodies.

**Keywords:** communication, chaosmosis, lovingness.

## 1. Platô<sup>1</sup> Primeiros Indícios...

A reflexão proposta é resultado de um processo de estudos na área de Comunicação, em nível de Mestrado e Doutorado, na Universidade de São Paulo, bem como da trajetória realizada em cinco universidades brasileiras

<sup>1</sup> O termo platô está sendo usado, aqui, como "zona de intensidade contínua", sentido definido por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995, p. 8).

como docente e pesquisadora. Recentemente, minhas investigações têm avançado na interface Comunicação e Turismo, graças ao meu ingresso como docente e investigadora no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, com pesquisa em que trabalho o que eu chamo de Psicocomunicação, na perspectiva esquizoanalítica, associada ao Turismo. A pesquisa realizada atualmente intitula-se Desterritorialização Desejante em Comunicação e Turismo: Narrativas Espe-

culares e de Autopoiese. Na Comunicação Social da Universidade, integro o Comitê de Pós-Graduação, visando a fortalecer os cursos que existem atualmente em nível de especialização e a construir a proposta de um Mestrado na área. Vale destacar, também, que a criação e liderança do Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (AMORCOMTUR!), nessa instituição, nos últimos três anos, tem contribuído para aprofundar a discussão teórico-conceitual e desenvolver práticas investigativas coerentes com os pressupostos da Ciência Contemporânea. Atualmente, duas pesquisas estão sendo realizadas na Comunicação: Imagem, Sujeito e Mídia e Usina de Saberes em Comunicação, contando com a colaboração de um grupo de 12 bolsistas voluntários, estudantes dos Cursos de Comunicação Social.

Ao longo desses 25 anos de pesquisas, tenho me debatido com a questão nodal, com o questionamento básico e essencial para qualquer profissional e pesquisador em Comunicação: afinal, o que é a Comunicação? E sigo também imbuída dos questionamentos decorrentes: O que faz a comunicação acontecer? Como produzir comunicação, em meio aos caos de fluxos informativos? Como conseguir diferenciar-se em meio aos caos informacional, em plena 'trama midiática', e, de alguma forma, tocar o sujeito receptor, não como quem dispara um raio informativo para um 'público-alvo', em busca de um efeito, mas como quem se propõe para o encontro? Como produzir conhecimento e investigação, saindo da 'dureza' dos caminhos tradicionais, pré-fabricados, tidos como lógicos para serem aplicados a 'qualquer' pesquisa?

Assim, com esses questionamentos iniciais e que têm marcado minha inquietação como 'sujeito da comunicação', como cientista, estudiosa e educadora da área, também cheguei à área do Turismo e entendi que existem matrizes que transversalizam esses dois territórios de saber. Caosmose, desterritorialização e amorosidade, nesse sentido, são vetores conceituais que transversalizam essas áreas de investigação científica, embora não se restrinjam a elas. Os trabalhos de supervisão técnica de escrita acadêmica, que desenvolvo há mais de 25 anos na minha empresa de consultoria, a Pazza Comunicazione, têm me possibilitado o mergulho em teses, dissertações e monografias de várias áreas do conhecimento. Esse mergulho me ajudou a refletir sobre a complexidade da 'paisagem' contemporânea caosmótica, a importância dos deslocamentos desejantes – as desterritorializações – e da orientação da amorosidade para a criação de possibilidade de sobrevivência dos processos comunicacionais e relacionais, sejam eles no plano individual ou social. A abordagem está relacionada à urgência de contribuir para o que eu venho chamando de ecologia da existência, constituída a partir de visão ampla e uma 'costura de saberes e vivências' plena. Trata-se de orientação no sentido de que as produções devem ser geradoras de vida, em todas

as áreas, e que essa vida precisa ser preservada, renovada, e precisa reproduzir-se constantemente – o que vale para pessoas, organizações, empresas, Nações. A discussão de caosmose, desterritorialização e amorosidade, portanto, é crucial para a Comunicação, mas não se restringe a ela.

A perspectiva teórica é transdisciplinar, o que é coerente com a discussão proposta. Na perspectiva da mutação da Ciência, em sentido amplo, estão autores como Edgar Morin (1986, 1991, 1998, 2003, 2013), Humberto Maturana (1998), Fritjof Capra (1990, 1991, 1997), Roberto Crema (1989) e Boaventura Sousa Santos (1988, 1989), entre outros, que direcionam as investigações para a complexidade, para a compreensão das redes de cooperações e amorosidade da teia da vida, bem como os questionamentos aos pressupostos da Ciência Clássica. Além disso, meus estudos se valem de autores clássicos de Teoria da Comunicação e do Turismo, mas é importante destacar que a abordagem apresentada neste texto tem ênfase na Esquizoanálise, perspectiva teórica que possibilita compreender os atravessamentos/agenciamentos inerentes aos processos de subjetivação na sociedade contemporânea, a partir dos engendramentos maquímicos e dos fluxos incorporais a-significantes. Há, nessa perspectiva, tanto o viés econômico e político, que ajuda a compreender como se desenvolvem e constroem as relações econômicas e de poder, quanto o das Teorias da Significação e da Subjetividade. Dessa abordagem, a referência principal é o autor Félix Guattari (1987, 1988, 1992), com suas produções em parceria com Suely Rolnik (1986). A vinculação à Rede Nacional de Grupos de Pesquisa em Comunicação e ao Grupo de Estudos Filosóficos em Comunicação (Filocom), da ECA/USP, também orienta a discussão para a noção de acontecimento comunicacional e as novas proposições, em termos de operacionalização da produção investigativa, a partir dos estudos de Ciro Marcondes Filho (2009, 2010, 2013).<sup>2</sup>

Em termos de estratégia de escrita, opto por um caminho organizado a partir dos vetores teórico-conceituais, que podem ser lidos como trilhas teóricas, aqui denominadas 'platôs', em coerência com a orientação teórica esquizoanalítica. Vale ressaltar que a separação corresponde apenas à estratégia de escrita, que pretende ampliar a legibilidade. É preciso salientar, contudo, que as linhas se entrelaçam na construção do fenômeno que está sendo aqui analisado, misturando-se às vezes. Em um primeiro

2 Nem todas essas obras estão citadas diretamente, mas tenho claro que a produção do texto traz transversalidades decorrentes da reflexão a partir dos saberes compartilhados por esses autores. São imanências reflexivas inscritas no texto. Por fidelidade aos parceiros teóricos, opto por mencioná-los, embora não me detenha em repetir suas palavras, já que a produção inscrita aqui é um texto meu produzido com base em uma costura de saberes e vivências, que resultam nas minhas próprias proposições. Para a discussão apresentada neste artigo, estão mais visíveis – citados explicitamente – autores cujas marcas são mais fortes.

momento, abordo o conceito caosmose e o cenário dele decorrente. Em seguida, os processos de subjetivação maquínica e desterritorialização, o que me parece completar a noção de Comunicação-Trama, como processo complexo de interação de sujeitos. Depois disso, o texto é concluído com a proposição de uma Teoria Amorosa, para a Comunicação, pautada pela ética da relação e pela autopoiese, pela reinvenção dos sujeitos, numa perspectiva de valorização do social e dos processos de cooperação, no direcionamento de uma ecologia comunicacional contemporânea.

## 2. Platô Caosmose

A expressão ‘caosmose’ dá título a um livro de Félix Guattari (1992), trazendo a composição a partir de caos, osmose e cosmo, o que ajuda a pensar o cenário contemporâneo em sua complexidade. A associação das palavras, nessa fusão, informa sobre a condição caótica e de osmose que caracteriza o cosmo, o universo – aqui considerado como matriz de análise para os sistemas analisados nos fenômenos comunicacionais, mas não só. Essa perspectiva chama atenção para o quanto é preciso levar em conta as dimensões visíveis e invisíveis – na terminologia esquizoanalítica, os universos corporais e incorporais. Pode-se dizer que esses universos são feixes, fluxos de dimensões múltiplas, que se entrelaçam, na produção da trama complexa, de saberes, de vivências, de sujeitos. Todos os fluxos são envolvidos ‘em relação’, por muitos agenciamentos, em uma engrenagem maquínica<sup>3</sup> que se movimenta por maquinismos abstratos, mais que nas expressões semiológicas e nas axiomáticas territorializadas<sup>4</sup>.

A palavra caosmose é emblemática para caracterizar a Ciência Contemporânea e também os processos comuni-

<sup>3</sup> Aqui é importante fazer a ressalva no sentido de que os maquinismos a que me refiro também têm sustentação teórica nos textos de Félix Guattari, Gilles Deleuze e Suely Rolnik, o que também já abordei em alguns de meus textos (Baptista, 2000). Para Guattari, a máquina não é a máquina mecânica, mas representa um conjunto de fluxos e engendramentos, concretos e abstratos, em que feixes interacionais vão constituindo algo como um campo de potência para devires. Essas máquinas abstratas podem ser desde uma instituição, como uma universidade, até um território geográfico, como um país, mas implicam dimensões que extrapolam o visível, o dizível, o concreto. Tudo isso é considerado, mas simultaneamente ao que escapa às leis e às padronizações narrativas de qualquer organização maquínica.

<sup>4</sup> O termo território também precisa ser lido com base na Esquizoanálise, representando algo maior que uma delimitação geográfica física. Território é a configuração de limites, mas como eles são passíveis de serem compreendidos na Ciência Contemporânea, na sua dimensão flexível, móvel, mutante por natureza. Territórios são cristalizações existenciais. Podem estar expressando regiões, mas sempre, no sentido esquizoanalítico, vão representar mais que a descrição lógica, racionalista e reducionista teve a tendência da fazer, na Ciência Clássica. Feixes de fluxos incorporais a-significantes, que se substituem o tempo todo, constituem o território e são postos em ação na desterritorialização.

cacionais na contemporaneidade, do que Harvey (2005, 2012) chamou de “capitalismo por espoliação”. Trata-se de uma marca dos nossos tempos, em que nos vemos desafiados a compreender os processos relacionais, de trocas e de deslocamentos, no mundo. Esse desafio se depara com as novas configurações de forças políticas mundiais e os novos fluxos de bens materiais, de recursos financeiros, de recursos naturais e, também, claro, de bens simbólicos e de pessoas. Há uma nova ordem de circulação de cultura e de conhecimentos em nível mundial. Uma ordem não pautada pela ordem propriamente dita, mas pela caosmose. Essa (des)ordem existe em sentido macro, amplo, e também no interior dos processos vários de produção, sendo que aqui me refiro, mais detidamente, aos de Comunicação, compreendendo que há aspectos gerais que perpassam outras áreas de produção e de saberes.

Nesse ponto, a discussão se associa aos saberes múltiplos de que nos fala Edgar Morin. Esse autor, em seus textos, nos ajuda a compreender a produção de conhecimento como algo inerente ao Universo e suas transformações e, nesse sentido, que traz a marca indelével do caos, como processo intrínseco, lembrando que o caos, aqui, não é contrário à ordem, mas está relacionado a um campo de complexidades em potencialidade, a partir do que ele chama de recursão organizacional.

*Se a reforma do pensamento científico não chegou ainda ao núcleo paradigmático em que Ordem, Desordem e Organização constituem as noções diretrizes que deixam de se excluir e se tornam dialogicamente inseparáveis (permanecendo, entretanto, antagônicas), se a noção de caos ainda não é concebida como fonte indistinta de ordem, de desordem e de organização, se a identidade complexa de caos e cosmo, que indiquei no termo caosmo, ainda não foi concebida, só nos resta começar a nos engajar, aqui e ali, no caminho que conduz à reforma do pensamento [grifo do autor] (Morin, 2013, p. 7-8).*

No caos contemporâneo, percebe-se a complexidade e também a emergência de intensidades abstratas, na constituição de campos de forças que não só interferem nos fenômenos, mas, muitas vezes, tendem a conduzi-los. Isso é válido tanto para fenômenos culturais quanto econômicos e políticos.<sup>5</sup> Produzir ciência nesse cenário implica acionamento de aberturas, de coragem, de ousadia e de reconhecimento de si mesmo no processo, bem como de ampliação da percepção das relações e entrelaçamentos. Também implica desapego a macrovisões explicativas, o abandono da tendência de adoção cega dos paradigmas

<sup>5</sup> Muito interessante, nesse sentido, a abordagem de George Akerlof e Shiller (2009), no texto intitulado “O espírito animal: como a psicologia humana impulsiona a economia e sua importância para o capitalismo global”.

totalizantes, para um processo também de desterritorialização de saberes, de disposição para transitar em outros territórios e tentar ampliar a compreensão das conexões. Fica sinalizado aqui, nesse sentido, que, em substituição à lógica da linearidade, entende-se ser pertinente considerar a lógica rizomática<sup>6</sup>, na dimensão de heterogeneidade maquínica, onde simultaneamente convivem os territórios existenciais e os universos de referência incorporais e a-significantes, a que se refere Guattari (1992).

Nesse sentido, a caosmose é platô contemporâneo, marcado pelo caos em múltiplas dimensões, social, econômico, político e também em termos de maquinismos e redes midiáticas. Interessante, também, o que afirmam Peres *et al.* (2000, p. 37):

*[...] a perspectiva esquizoanalítica acredita que duas lógicas permeiam a tessitura ética, na contemporaneidade: a lógica pulsátil (presente nos corpos vibráteis, que não repelem o mundo da sensorialidade, visto que procuram uma existência plena e para isso desejam afetar e ser afetados) e a lógica maquínica (presente nos corpos transformados em máquinas homeostáticas, que perdem qualquer potência de expressão e constroem uma economia narcísica do sujeito).*

Do próprio Guattari (1992, p.102) destaco a citação: “O mundo só se constitui com a condição de ser habitado por um ponto umbilical de desconstrução, de destotalização e de desterritorialização, a partir do qual se encarna uma posicionalidade subjetiva”. Há várias conexões possíveis, a partir dessa afirmação. A primeira delas é a das explosões geradoras de universos, com a desconstrução das estrelas. O mesmo parece ocorrer com sujeitos, grupos, movimentos sociais, com a eclosão de processos subjetivos de sujeitos singulares e coletivos. Dos estudos de Maturana (1998), a partir da célula, à compreensão do Universo físico, com Fritjof Capra (1990, 1991, 1997), tudo parece fazer parte de uma narrativa do universo, permeada pela lógica da Física Quântica, pelos conhecimentos do átomo e pela relativização da sua ideia de unidade. Somos o todo, somos integrantes do universo caosmótico. Entender isso parece um bom começo para entender processos comunicacionais, os acontecimentos e, principalmente, a incomunicabilidade, fazendo aqui uma referência aos escritos de Ciro Marcondes Filho (2010, 2013) e

6 O rizoma é um conceito que Guattari e Deleuze (1995) apresentam na coleção *Mil Platôs*, trazido de empréstimo da Biologia. Em linhas gerais, representa uma brotação irregular que se autoproduz e direciona. Não tem um centro, nem uma direção de brotação previamente definida. “[...] qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a outro e deve sê-lo. Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais” (Deleuze e Guattari, 1995, p. 15).

à discussão empreendida no Filocom e na Rede de Grupos de Pesquisa em Comunicação por esse pensador.

Aqui, vale ressaltar, também, a conexão com o conceito de autopoiese, conceito utilizado a partir de Maturana (1998). Autopoiese é autoprodução, reinvenção de si, o que significa desconstrução para reconstruir, posteriormente, outra condição de existência, desterritorializar para reterritorializar territórios existenciais, a partir de um ponto umbilical do qual ‘se encarna uma posicionalidade subjetiva’, para retomar a citação de Guattari. É como se Guattari dissesse que a vida se produz de explosões múltiplas e contatos de universos subjetivos, sob o que ele chama de ‘foco de caosmose’. Tem-se, aqui, o que o próprio autor referiu como a reconciliação entre o caos e a complexidade. O foco de caosmose relaciona-se diretamente com o núcleo de autopoiese, “[...] sobre o qual se realizam constantemente e se formam, insistem e tomam consistência os territórios existenciais e os universos de referências incorporais” (Guattari, 1992, p. 102).

### 3. Platô Subjetividade Maquínica e a Comunicação-Trama

Até agora, a discussão pretendeu explicitar aspectos da complexidade do contexto caosmótico, válidos tanto para compreender a produção da Ciência como dos processos comunicacionais. Vale dizer, os fenômenos ocorrem em cenários caosmóticos e são, por sua vez, eles mesmos manifestações e geradores dessa caosmose. Não ocorrem linearmente, mas em uma trama complexa visível e invisível de microacontecimentos que se engendram, autoproduzindo-se. Isso vale para os fenômenos em geral e, também, claro, para os comunicacionais. Nesse momento, proponho avançar a partir do conceito de comunicação com o qual tenho trabalhado.

Em determinado momento, propus a seguinte definição<sup>7</sup>: Comunicação é interação de sujeitos, através do fluxo de informações entre eles, numa espécie de trama-teia complexa, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, corporais e incorporais, significantes e a-significantes, podendo ser ou não mediada por dispositivos tecnológicos, na constituição de algo como um campo de força de encontro de energias, decorrente dos universos de referência de cada sujeito envolvido. Quer dizer, encontro de universos de sujeito, universos subjetivos (Baptista, 2000, p. 33-34). Penso que a concepção ainda é válida como síntese do meu pensamento sobre o conceito de comunicação, mas tenho refletido muito sobre o trecho que se refere ao ‘fluxo de informações entre os sujeitos’. Entendo que não

7 O conceito está apresentado no artigo “Comunicação, amorosidade e autopoiese”, um dos textos-síntese dos pressupostos teóricos com os quais trabalho, mas também está desenvolvido na minha tese de doutoramento, defendida na Universidade de São Paulo.



é apenas um fluxo de informação que se produz no processo interacional em que ocorre a comunicação, mas algo mais denso, intenso, avassalador, que eu penso chamar de ‘encontro de corpos’, lembrando a noção de Corpos sem Órgãos<sup>8</sup>, da Esquizoanálise, com a qual entrei em contato no livro de Guattari (1992) intitulado *Caosmose* e mais tarde pude aprofundar a partir de outras leituras do autor e de pesquisas com base nesse referencial.

Em texto de proposição da Nova Teoria da Comunicação, Ciro Marcondes Filho (2013) cita Deleuze, fazendo referência a “coisas que me violentam”, como as que nos fazem pensar, porque nos tocam de maneira particular. Essas coisas não são apenas sinais. Nessa perspectiva do encontro de corpos (Corpos sem Órgãos), penso que a violência envolve a intensidade da desterritorialização, no encontro de universos existenciais, a partir do choque de singularizações subjetivas, agenciadas por máquinas abstratas. Nesse sentido, parece esclarecedora a fala de Guattari (1992, p. 162): “[...] não se poderá mais falar do sujeito em geral e de uma enunciação perfeitamente individuada, mas de componentes parciais e heterogêneos de subjetividade e de Agenciamentos coletivos de enunciação que implicam multiplicidades humanas”.

Diante dessa percepção, evidencia-se a necessidade de conhecer os pressupostos da construção de dispositivos afetivos interacionais que são agenciados na Comunicação. Destaco, nesse sentido, a importância de mobilização de elementos que constituem o que eu venho chamando de os substratos inscricionais de efetivação, que inscrevem, criam e acionam os afetos. Esses elementos são resultantes da interação afetiva de sujeitos, no sentido de uma interação que ‘toque os seus afetos’ e produza desterritorializações, de tal forma a fazer o sujeito desacomodar-se do si mesmo ou dos territórios conhecidos, para empreender uma viagem na direção do Outro, ou seja, o trânsito dos universos de referência existenciais iminentes nas expressões territorializadas. Essa viagem pode ser expressa e realizada de muitas maneiras, mas o que é importante aqui é que, para começar, ela precisa ser efetivada, agenciada. O deslocamento, a desterritorialização, depende do acionamento de afetivações.

Desse modo, a produção da Comunicação, seja ela pessoal ou social, em suas múltiplas possibilidades, está relacionada diretamente a processos de desterritorialização, o que implica, na Esquizoanálise, o agenciamento de máquinas desejanter, de subjetividades maquínicas. Pare-

8 O conceito de “corpo sem órgãos” proposto em *O Anti-Édipo* (1996). Interessante a síntese de Ovídio Abreu Filho (1998), comentando o conceito a partir de análise da sequência de livros de Guattari e Deleuze intitulada *Mil Platôs*. Trata-se de conceito que permite pensar o desejo como processo que produz o campo de imanência de seus agenciamentos e não na dependência da ideia do corpo como origem das necessidades e lugar dos prazeres. Criar, selecionar e articular os corpos sem órgãos plenos, eis o programa da Esquizoanálise.

ce que o deslocamento, o engate, o que põe o sujeito em movimento, é uma das chaves para a criação de novidade, de (re)novação, de (re)invenção. Por isso, tenho dito que a desterritorialização desejanter da comunicação e do turismo tem a potência de gerar o acontecimento, em si, justamente porque o sujeito se despreza do ‘si mesmo’, das amarras territorializadas dos maquinismos de subjetivação dos seus territórios existenciais. Para o encontro-acontecimento comunicacional e turístico, há que se ‘pôr na estrada’, em direção ao Outro. O agenciamento das máquinas abstratas passa, por sua vez, pelo engendramento de um complexo sistema maquínico, constituído por múltiplos componentes. Segundo Guattari, são:

- componentes materiais e energéticos;
- componentes semióticos diagramáticos e algorítmicos (planos, fórmulas, equações, cálculos que participam da fabricação da máquina);
- componentes sociais, relativos à pesquisa, à formação, à organização do trabalho, à ergonomia, à circulação e à distribuição de bens e serviços produzidos...
- componentes de órgão, de influxo, de humor do corpo humano;
- informações e representações mentais individuais e coletivas;
- investimentos de “máquinas desejanter” produzindo uma subjetividade adjacente a esses componentes;
- máquinas abstratas se instaurando transversalmente aos níveis maquínicos materiais, cognitivos, afetivos, sociais, anteriormente considerados.

Pela perspectiva ética e visando a processos mais interessantes e geradores de vida, de autopoiese, é importante que esses deslocamentos sejam pautados pela amorosidade – pelo respeito ao Outro, como legítimo outro na convivência. Assim, o encontro de corpos transforma, reinventa os sujeitos em processos caosmóticos, sem desencadear processos violentos de destruição. Na linha da discussão que está sendo feita, é possível afirmar que, sob a orientação da amorosidade, o encontro de corpos (sem órgãos) violenta, porque afeta, mas a produção de movimentos violentos tem como marca a ‘transformação’, o que tende a contribuir para o acionamento de matrizes autopoieticas, de autoprodução e sustentabilidade dos sistemas (ainda que radicalmente transformados), rumo à perspectiva da ecologia da existência, a que me referi anteriormente.

#### 4. Platô Teoria Amorosa da Comunicação

Por fim, entendo que as afetivações desterritorializantes devem ser orientadas pela amorosidade. Mas o que

significa isso, de fato? Fiquei pensando que deveria começar a apresentação deste platô com a pergunta: “E por que não falar de amor?”, enfrentando algumas resistências. Tenho me deparado, nos últimos anos, com olhares e risos que expressam ‘textos vários’, demonstrando tantas vezes desconforto ou menosprezo de algumas rodas de conversa acadêmicas, com a temática do amor associada à Ciência e à Comunicação. Curioso é que não estou sozinha e, muito pelo contrário, estou bem acompanhada. Paulo Freire, Edgar Morin (2003), Ilyia Prigogine (2001), Humberto Maturana (1998), Bauman (2004), Luís Carlos Restrepo (1998), Roland Barthes (1986), para citar apenas alguns, ousaram, eles mais que eu, falar de amor em relação à produção de conhecimento, à educação, à comunicação e também à arte. Muito bem, mas então qual é o problema de considerar o acontecimento comunicacional pelo viés da amorosidade?

Percebo que a associação Ciência-Amor-Comunicação pode ser lida como ingênua, pelo desgaste da palavra amor, pela sua histórica desvalorização nos centros de produção, na lógica produtiva do Capitalismo Mundial Integrado, na suposta ‘evolução’ de um modelo de trocas e relações produtivas que chegou à condição de ser denominado de ‘capitalismo por espoliação’ (Harvey, 2005). São vários os pensadores que sinalizam, no entanto, em diversas áreas, a crise, a falência, do modelo produtivista a qualquer custo, que espolia e destrói e desconsidera a nossa humana condição e a ecologia em sentido amplo<sup>9</sup>. Há poucas chances de sobrevivência para a humanidade, para o planeta, considerando a lógica evolucionista, racional e objetivista da Ciência Clássica e dos modelos produtivos implantados desde o fordismo, passando pelo toyotismo, até uma ‘onda’ mundial de busca de qualidade total em que se enuncia que ‘errar não é humano’. Em várias áreas do conhecimento, vai surgindo a consciência de necessidade de outras práticas relacionais, dos sujeitos entre si, dos sujeitos com o trabalho, com o consumo, com o lixo, com o ambiente em sentido amplo.

Compreendo que está em jogo uma questão epistemológica e que a própria palavra Amor, antes do conceito, contrasta com o paradigma objetivista, racional, que se consolidou na Revolução Científica. A abordagem vai contra a ciência dos ‘grupos-controle’, dos protocolos engessados, traduzidos em seis línguas ou mais, testados 20 vezes, para ajustes das ‘traduções’, vai contra a matematização da vida e da metodologia científica no viés tradicio-

nal, não metapórico<sup>10</sup>. Também contraria e incomoda a lógica das hipóteses rígidas, cuidadosamente construídas e marcadas pelo caráter premonitório presunçoso do devir, do que deveria ser a descoberta, o resultado da pesquisa. Na ironia dos corredores, na brincadeira com a palavra ‘amor’, no silêncio engasgado ou no silêncio que ignora, percebo o incômodo. Algumas pessoas ‘olham de longe’, em silêncio. Outras tentam ajudar e sugerem: “Quem sabe você muda para a palavra ‘afeto’?” Prefiro pensar que se trata de uma condição que, ao incomodar, pode vir a (des)acomodar, a engendrar linhas de fuga<sup>11</sup>, de reinvenção de percursos, de novos trajetos de novas viagens investigativas, pode desterritorializar, o que, pelos meus estudos, é uma possibilidade promissora. Mantenho-me com a pergunta: “E por que não falar de Amor e Ciência da Comunicação, em uma Teoria Amorosa da Comunicação?”

Maturana (1998, p. 25) afirma que o “[...] amor é o reconhecimento do outro como legítimo outro na convivência” e que não há separação entre emoção e razão. A emoção é o que aciona a ação, o que põe o sujeito em ação, até mesmo nas situações aparentemente mais racionais. Ora, se o outro é legítimo outro, o princípio ético, de respeito às condições de cada sujeito envolvido, tem que ser o platô referencial das relações, na vida, e, claro, também dos processos comunicacionais. Segue a fala de Maturana:

*O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social. [...] Sem a aceitação do outro, não há fenômeno social (Maturana, 1998, p. 23-24).*

Seguindo a lógica do princípio da razão durante e das proposições da Nova Teoria da Comunicação, entendo também a comunicação no acontecimento e esse acontecimento como sendo marcado pela heterogênesse, pelo caos, pelas explosões cósmicas, caosmóticas, transmidiáticas, de confronto de narrativas e cuja potência está na inscrição, nos acionamentos desterritorializantes e reterritorializantes. Isso ocorre com o acionamento desejante e especular, e se qualifica com amorosidade plena, que é

<sup>10</sup> Refiro-me aqui ao conceito de metáporo, discutido no Filocom, em substituição a método, sugerindo a necessidade de que o processo da pesquisa não seja “um” caminho, mas o resultado de uma sucessão de porosidades, processos abertos a serem construídos ao longo do processo de pesquisa (Marcondes Filho, 2013).

<sup>11</sup> No sentido da Esquizoanálise, linhas de fuga são caminhos novos que vão sendo engendrados, buscando escapar dos traçados predefinidos rigidamente. São criações, mas, principalmente, envolvem a busca de construção de novas possibilidades. Trata-se da ousadia de acionar “invençiones desejantes”, como eu tenho me referido em outras produções.

<sup>9</sup> Interessante, nesse sentido, a perspectiva de Martinez-Alier (2007), com os ciclos do movimento ambientalista e a noção de Justiça Ambiental, que representa um avanço em relação ao chamado desenvolvimento sustentável, que prevê o estabelecimento da correlação de valor, para o ambiente, visando a sua preservação para as gerações futuras.

geradora de confiança. Afirmo, nesse sentido, que o amor, a condição amorosa, aumenta a potência do acontecimento comunicacional. Nas condições de reconhecimento do outro como legítimo outro na convivência, tende-se a construir cumplicidades nos processos de significação que, na sua lógica de acolhimento mútuo – não necessariamente aceitação ou concordância –, possibilitam maior entendimento e realmente afetivação mútua e transformação dos sujeitos envolvidos. Esse aspecto é o que caracteriza a Comunicação e é fundamental para qualquer processo produtivo, a começar com o do próprio sujeito, o das organizações e do mercado de relações e trocas. Nossas chances de sobrevivência e autopoiese não estão nas tecnologias, no dinheiro, como fatores isolados, mas nas relações – essas de reconhecimento do outro como legítimo, na convivência.

A comunicação envolve processos que acontecem, efetivamente, no encontro de corpos subjetivos, corpos sem órgãos, no entremear-se, na conjunção significacional. Para que sejam empreendidos processos comunicacionais com qualidade, é necessário que exista uma espécie de ‘contrato amoroso’. É preciso querer ‘estar no outro’, viajar para o território existencial do outro, a tal ponto de misturar-se e apreender um pouco dos seus universos de referência incorporais. É necessária a predisposição de abandonar-se, como território predefinido, em ‘viagem’, em direção ao Outro – seja a outra pessoa, a sociedade, o outro lugar. Isso nada tem a ver com concordância ou subserviência amorosa. Esse aspecto é fundamental: o amor, nessa discussão, nada tem a ver com o amor romântico, cuja tradição é muito mais o culto ao desequilíbrio, à idealização, à fantasia, como algo que, ao mesmo tempo em que é enaltecido pelos poetas como o ‘motor da vida’, é desqualificado como condição que faz o sujeito escapar às engrenagens produtivas e de valorização de uma sociedade maquinica produtivista e classificatória, pela lógica da acumulação do capital. Nesse sentido, a ironia que emerge quando se decide ‘falar de amor’ na Academia parece relacionar-se com as oposições arcaicas emoção-razão e amor-produção, já ultrapassadas segundo as teorias com as quais eu trabalho e que venho tentando produzir, a partir das reflexões e vivências de pesquisa.

A Comunicação precisa partir desse pressuposto, já que as relações se produzem em função de ‘coordenações de relações’, que se estabelecem no entrelaçamento de sujeitos. Os processos comunicacionais se fazem com o agenciamento de redes de afetos e movimentações de sujeitos que, ao se desterritorializarem, vibram, estremecem, movimentando campos de forças que se compõem em planos de significação emergente e com potência de devir. Então, esses planos misturam-se, mesclando-se,

produzindo, aí sim, sentidos partilhados, renovados, reinventados, a partir da mistura de ‘corpos vibráteis’. Depois que os sujeitos se desterritorializam e se encontram, na Comunicação ou no Turismo, ‘nada será como antes’, as transformações, por mais ínfimas que pareçam, alteram universos existenciais e reverberam para múltiplos outros universos. Isso também é o que mantém potente o desejo de que novos processos sejam agenciados.

Esses processos de afetivação tendencialmente permitem vislumbrar as brotações de criatividade e de forças colaborativas que se entrelaçam, aglutinam e vão, através de sucessivas recursões organizacionais, ganhando visibilidade, sonoridade, existência territorializada. A expressão dos sinais e a potência geradora de acontecimentos comunicacionais vão se dar no movimento, no deslocamento e na composição interacional entre os sujeitos e processos envolvidos. A comunicação é essa ‘viagem’, esse deslocamento em direção ao Outro. Nesse sentido, em síntese: o acontecimento comunicacional precisa ser, em essência, amoroso, para que se efetive com qualidade, geradora de bons resultados para o processo como um todo e para todos os envolvidos. Isso implica deslocamento do si mesmo para o outro e depende diretamente da disposição de encontro caótico e conflitual, no sentido de encontro de corpos vibráteis, de corpos intensidades, marcados ‘mais ou menos’ por maquinismos abstratos, ‘mais ou menos’ regidos por lógicas do Capitalismo Mundial Integrado ou por outros maquinismos de aprisionamento do processo de subjetivação que estiverem instalados.

## 5. Platô Ventos e Silêncios

Este texto não se encerra. Seria incongruente se isso acontecesse. É um texto em brotação, expressão de florescimentos vários, de recombinação de saberes, de afetivações de pensares em mim, na mistura com as intensidades de conhecimentos que encontrei na “conversa” com os autores e que venho presenciando e vivendo no dia a dia da pesquisa, nesses muitos anos da minha vida acadêmica. Paro um pouco para refletir e é como se ouvisse um silêncio em mim e um vento lá fora, soprando, soprando, soprando... ainda há tanto para dizer, mas tudo tem seu tempo. O texto também. Hoje é preciso parar... silenciar e escutar o vento. Provavelmente, brotem novos escritos, inscritos, à medida que os encontros novos aconteçam, que as intensidades sigam rumos dos fluxos agenciados por tantos dizeres, por esse esforço de partilhar... organizar o que é caosmótico, caótico no cosmo. Tudo tem seu tempo. Até o Universo (do texto).

## Referências

- ABREU FILHO, Ovídio. 1998. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Resenha. *Mana*, Rio de Janeiro, 4(2), out. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131998000200008>. Acesso em: 16 mar. 2014.
- AKERLOF, George A.; SHILLER, Robert J. 2009. *O espírito animal: como a psicologia humana impulsiona a economia e sua importância para o capitalismo global*. Rio de Janeiro, Elsevier.
- BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. 2011. *Imagem, sujeito e mídia*. Projeto de Pesquisa. Caxias do Sul.
- BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. 2012. *Usina de Saberes em Comunicação*. Projeto de Pesquisa. Caxias do Sul.
- BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. 2013a. *Desterritorialização desejante em Turismo e Comunicação: narrativas especulares e de autopose inscricional*. Projeto de Pesquisa. Caxias do Sul.
- BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. 2000. *O sujeito da escrita e a trama comunicacional: um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporânea*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 440 p.
- BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. 2013b. Afetiv(ações) do texto-trama no jornalismo: ensino e produção de textos jornalísticos e científicos, em tempos de caosmose midiática. In: FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ) 2º ENCONTRO SUL-BRASILEIRO DE PROFESSORES DE JORNALISMO 5º ENCONTRO PARANAENSE DE ENSINO DE JORNALISMO, 2013, Ponta Grossa (PR). *II Fórum Sul-Brasileiro de Professores de Jornalismo*, 2013.
- BARTHES, Roland. 1986. *Fragmentos do discurso amoroso*. 6ª ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- BAUMAN, Zigmunt. 2004. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro, Zahar.
- CAPRA, Fritjof. 1997. *A teia da vida: uma nova compreensão dos sistemas vivos*. 9ª ed., São Paulo, Cultrix.
- CAPRA, Fritjof. 1991. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. 12ª ed., São Paulo, Cultrix.
- CAPRA, Fritjof. 1990. *O Tao da física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental*. 11ª ed., São Paulo, Cultrix.
- CREMA, Roberto. 1989. *Introdução à visão holística: breve relato de viagem do velho ao novo paradigma*. São Paulo, Summus.
- FREIRE, Paulo. 1996. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo. 1987. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo. 2003. *À sombra desta mangueira*. 5ª ed., São Paulo, Olho d'Água.
- GUATTARI, Félix. 1981. *As três ecologias*. 3ª ed., Campinas, Papirus.
- GUATTARI, Félix. 1992. *Caosmose: um novo paradigma ético-estético*. Rio de Janeiro, Ed. 34.
- GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. 1995. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vol. 1. Rio de Janeiro, Ed. 34.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1996. *O Anti-Édipo*. Trad. A. Campos. Lisboa, Assírio e Calvim.
- GUATTARI, Félix. 1987. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. 3ª ed., São Paulo, Brasiliense.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. 1986. *Cartografias do desejo*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes.
- HARVEY, David. 2005. *O novo imperialismo*. 2ª ed., São Paulo, Loyola.
- HARVEY, David. 2012. *O neoliberalismo: história e implicações*. São Paulo, Loyola.
- MARCONDES FILHO, Ciro. 2013. O Projeto “Nova Teoria da Comunicação” e suas aplicações na pesquisa comunicacional atual. São Paulo. Cópia.
- MARCONDES FILHO, Ciro. 2010. *O princípio da razão durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica*. Nova Teoria da Comunicação III. Tomo V. São Paulo, Paulus.
- MARCONDES FILHO, Ciro. 2009. *Dicionário da comunicação*. São Paulo, Paulus.
- MARTINEZ-ALIER, J. 2007. *O ecologismo dos pobres*. São Paulo, Contexto, 2007.
- MATURANA, Humberto. 1998. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte, UFMG.
- MATURANA R.; Humberto; VARELA G., Francisco J. 1997. *De máquinas e seres vivos: autopoiese e a organização do vivo*. 3ª ed., Porto Alegre, Artes Médicas.
- MORIN, Edgar. 2013. *Ciência com consciência*. 15ª ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- MORIN, Edgar. 2003. *Amor, poesia e sabedoria*. 6ª ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- MORIN, Edgar. 1991. *Introdução ao pensamento complexo*. São Paulo, Instituto Piaget.
- MORIN, Edgar. 1986. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- MORIN, Edgar. 1998. *O método 4: As ideias, habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre, Sulina.
- PERES, Rodrigo Sanches et al. 2000. A esquizoanálise e a produção da subjetividade: considerações práticas e teóricas. *Psicologia em Estudo*, DPI/CCH/UEM, 5(1):35-43.
- PRIGOGINE, Ilya. 2000. Carta para as futuras gerações. *Folha de São Paulo*, Caderno Mais!, 30 jan. 2000.
- PRIGOGINE, Ilya. 2001. Ciência, razão e paixão. In: Edgard de Assis CARVALHO, Maria da Conceição ALMEIDA (org.), *Ciência, razão e paixão*. Trad. Edgard de Assis Carvalho, Isa Hetzel. Belém, PA, Eduepa.
- RESTREPO, Luis Carlos. 1998. *O direito à ternura*. Petrópolis, Vozes.
- SANTOS, Boaventura Sousa. 1988. *Um discurso sobre as ciências*. 2ª ed., Porto, Afrontamento.
- SANTOS, Boaventura Sousa. 1989. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro, Graal.

Artigo enviado em 30/09/2014.